

## **O CICLO DO PSEUDO-BORON**

### **À LUZ DA MAIS RECENTE INVESTIGAÇÃO EM PORTUGAL**

José Carlos Ribeiro Miranda, Isabel Correia e Ana Sofia Laranjinha

Universidade do Porto

(SMELPS/IF/FCT)

Portugal

[www.seminariomedieval.com](http://www.seminariomedieval.com)

Nascido em França nos alvares do séc. XIII, o romance arturiano em prosa conheceu um rápido desenvolvimento até à década de 1230. Fruto de um intenso labor que se traduziu na produção de múltiplos textos, de que se registam, ainda hoje, muitas versões e uma miríade de testemunhos, este género cedo se organizou em ciclos de romances que visavam a integração, num contínuo narrativo, de temas originariamente independentes como a história do Graal ou as biografias de Lancelot e Tristão. Ainda durante o século XIII, um desses ciclos terá penetrado na Península Ibérica, dele se conservando testemunhos muito antigos que têm merecido a atenção dos investigadores do SMELPS durante os últimos anos. Para tentar reconstituir a sua circulação e perceber o lugar que ocupam na tradição manuscrita do romance arturiano em prosa, é necessário remontar ao período de génese desses textos e avaliar problemas há muito em aberto, nomeadamente os que dizem respeito às etapas da formação cíclica.

### **Do *Livre de Lancelot* aos Ciclos Arturianos**

(José Carlos Ribeiro Miranda)

Os estudos sobre a construção cíclica do romance arturiano em prosa que foram surgindo ao longo do séc. XX são reveladores, na sua maioria, de uma grande dose de conservadorismo. Apoiados quase sempre na grande edição de referência – *The Vulgate Cycle* de Oskar Sommer<sup>1</sup>, realizada nas primeiras décadas do século –, posteriormente

---

<sup>1</sup> Heinrich Oskar Sommer (ed.), *The Vulgate Version of the Arthurian Romances*, 8 Voll. Washington D.C., The Carnegie Institute, 1908-1916.

refrescada por edições de cada um dos romances que compunham esse ciclo<sup>2</sup>, esses estudos foram partindo também de algumas ideias gerais que cedo se transformaram em verdadeiros dogmas. Uma delas foi a de que o seu romance central, o *Livre de Lancelot*, seria uma narrativa unitária desde a queda de Benoic até ao anúncio do Pentecostes do Graal, como se em pleno séc. XIII fosse aceitável que uma obra de tal dimensão pudesse ser elaborada sem conhecer várias fases de redacção e alguns momentos de encruzilhada.

Mas nem sempre foi assim. Ferdinand Lot, um dos mais lúcidos críticos de sempre no domínio arturiano, cujo trabalho, todavia, dependeu inteiramente da edição Sommer, tentou estabelecer e explicitar os ritmos e fases de redacção deste vasto romance, propondo, por exemplo, que a concepção e escrita da *Estoire del Saint Graal* e do *Lancelot* haviam ocorrido em simultâneo, sendo aquele romance redigido enquanto este conhecia uma pausa<sup>3</sup>.

Não faltou muito a Lot para afirmar que a primeira parte do *Lancelot*, desde o início do enredo até à morte de Galeholt, era uma obra diversa daquela que se podia ler daí em diante, tal como, em época recente, Elspeth Kennedy veio a demonstrar com clareza<sup>4</sup>. Na realidade, só uma teoria do “duplo espírito”<sup>5</sup> – muito bem engendrada, mas de aplicabilidade mais do que discutível –, aliada a um conceito de autoria que nada tem a ver com as realidades do séc. XIII, pôde permitir manter sólido aquilo que era um edifício cíclico demasiado assimétrico para se aguentar por si enquanto obra unitária<sup>6</sup>.

---

<sup>2</sup> A primazia foi concedida à *Queste del Saint Graal*, objecto de uma edição de Albert Pauphilet (*La Queste del Saint Graal. Roman du XIIIème siècle*, Paris, 1923), à qual se seguiria a *Mort Artu*, editada por Jean Frappier (*La Mort le Roi Artu. Roman du XIIème siècle*, Paris, Librairie Droz, 1936), e depois, já mais perto de nós, o vasto fresco do *Lancelot*, editado por Alexandre Micha (*Lancelot. Roman du XIIIème siècle*, 8 voll., Genève, Droz, 1978-1982) e ainda a *Estoire del Saint Graal* (Jean-Paul Ponceau (ed.), *L'Estoire del Saint Graal*, 2 voll., Paris, Librairie Honoré Champion, 1997).

<sup>3</sup> Cf. Ferdinand Lot, *Étude sur le Lancelot en Prose*, Paris, Librairie Honoré Champion, 1954 (reprint da edição de 1918), pp. 122 e seg..

<sup>4</sup> A mais completa e sistemática abordagem do *Lancelot* tanto na sua versão primitiva e não-cíclica, como no processo que levou à constituição de um ciclo em torno desse romance, pode ler-se em Elspeth Kennedy (ed.), *Lancelot do Lac: the non-cyclic old french prose romance*, Oxford, Clarendon Press, 1980, edição e estudo do ms 768 BNF; e também em *Lancelot and the Grail. A Study of the Prose Lancelot*, Oxford, Clarendon Press, 1986, ensaio interpretativo da mesma autora.

<sup>5</sup> O que está em causa no extenso ciclo em prosa é saber se a relação adúltera de Guenièvre com Lancelot é digna de louvor ou de censura, sem se vislumbrar qualquer intuito de base filosófica que justifique a convocação do conceito de “duplo espírito” para explicar a duvidosa compatibilização dessas duas perspectivas (cf. Lot, *Étude*, p. 106) Como já outrora foi apontado por vários críticos, o *Lancelot*, no seu formato cíclico, está atravessado por uma total contradição nos valores romanescos explícitos nas suas partes inicial e final.

<sup>6</sup> As dúvidas de Pauphilet foram, de algum modo, partilhadas também por Jean Frappier, na introdução à primeira edição da *Mort Artu* atrás citada.

Mais de meio século depois, Alexandre Micha, mesmo tendo um conhecimento muito mais amplo da vasta tradição manuscrita do *Lancelot*, e apercebendo-se da elevada quantidade de redacções que esta obra conhecia (particularmente notórias na sua parte medial), acabou reforçando esse unitarismo – deste romance e, por arrastamento, também do conjunto chamado “Lancelot-Graal” –, no contexto da refutação das explicações adiantadas por Kennedy<sup>7</sup>. De uma forma algo inusual, o filólogo francês procurou arrumar o horizonte textual do *Lancelot* com base na divisão entre redacções longas e curtas<sup>8</sup>, privilegiando as primeiras como sendo as mais legítimas, e esquivando a compreensão dessa textualidade com base nos critérios da lição alternativa – literalmente e semanticamente alternativa –, critério que tem orientado perto de dois séculos de prática ecdótica em todas as latitudes.

Se a edição de Sommer tivera o efeito de dar a entender que o Ciclo da Vulgata assim editado era a versão predominante nesse universo textual, a edição do *Lancelot* de Micha dava um passo em frente, definindo no seio desse ciclo um texto único e legítimo para o seu romance central, relegando todos os outros para o campo das versões oscilantes, mistas, alternantes, em todo o caso, indignas de nota, porque inferiores quando confrontadas com o seu *textus dilectus*.

Resta-nos, apesar disso, a probidade com que o filólogo francês trabalhou e o fruto do seu labor editorial, que o levou a dar à estampa, em volume próprio, preciosas passagens alternativas às dos seus manuscritos de base, permitindo assim que o público interessado tirasse proveito dessa *varia lectio* cujos segredos permanecem em grande medida por explorar<sup>9</sup>.

Recentemente, uma nova iniciativa, ainda não terminada, de edição do extenso romance em prosa, elaborada por vários filólogos sob o patrocínio de Michel Zink e o impulso inicial de François Mosès, parece representar o primeiro intuito sério de questionar a tradição manuscrita francesa desta obra nas suas diversas secções, e também uma definitiva ruptura com os dogmas a que nos vimos referindo<sup>10</sup>.

---

<sup>7</sup> Cf. Alexandre Micha, *Essais sur le cycle du Lancelot-Graal*, Genève, Droz, 1987.

<sup>8</sup> Cf. Alexandre Micha, “La Tradition Manuscrite du *Lancelot en Prose*”, *Romania*, LXXXV (1964), pp. 293/318 e 478/517; LXXXVI (1965), pp. 330/359.

<sup>9</sup> Ressalve-se que a problemática textual do *Lancelot* varia muito conforme a parte considerada da sua vasta narrativa, aspecto que não desenvolveremos neste exíguo espaço, remetendo o nosso leitor para a nota seguinte, em particular para os dois últimos volumes aí citados. O que dizemos refere-se sobretudo à parte medial do romance cíclico, editada por Sommer (vol IV) de acordo com dois manuscritos do British Museum, e por Micha, tendo por base o manuscrito de Cambridge, Corpus Christi College, 45.

<sup>10</sup> Cf. François Mosès (ed.), *Lancelot du Lac*, Paris, Librairie Générale Française, 1991 (2ª ed. 2007); Marie-Luce Chênerie (ed.), *Lancelot du Lac II*, Paris, L.G.F., 1993; François Mosès/ Laetitia Le Guay

Entretanto, cremos ser útil adiantar algumas observações sobre a redacção do *Livre de Lancelot*, em grande medida originadas na pesquisa e nos trabalhos já publicados, ou a publicar, por Isabel Correia. Decorre esse contributo da atenção concedida a uma versão do *Lancelot* cujo testemunho mais conhecido é o ms. 751 da BNF, atenção motivada pela necessidade de conhecer melhor os antecedentes da redacção castelhana preservada no ms. 9611 da Biblioteca Nacional de España, da qual adiante se tratará com mais detalhe.

Ora, ao contrário do que uma longa tradição de edições e estudos pode sugerir, este romance conhece também versões que não são meramente redaccionais, mas sim de conteúdo, dentro embora de uma estrutura diegética global que a todas é comum. Resumamos brevemente a questão: O *Livre de Lancelot* começa por narrar acontecimentos que se situam entre a queda de Benoic (quando o herói epónimo era ainda uma tenra criança), e a morte de Galeholt, o duplo do rei Artur e a mais poderosa e original personagem aí construída. Embora com algumas interessantes variantes, a narrativa assim constituída é bastante estável, não divergindo muito conforme o manuscrito considerado<sup>11</sup>.

Pouco depois de ter sido redigida, a narrativa assim concebida terá conhecido um processo de continuação, tal como sucedeu com tantas outras narrativas medievais ou não. Todavia, entre outras razões que certamente há que ter em conta, esta continuação foi essencialmente ditada pela necessidade de reorientar a *estória* num sentido não tão apologista do predomínio da cavalaria sobre a realeza como aquele que se observava até aí. Nessa reformulação dos rumos da escrita, o aspecto que mais se destaca é, como se sabe, a alteração do modo como é avaliada a relação adúltera entre a rainha Guenièvre e Lancelot, que passa agora a ser inequivocamente condenada, embora a manifestação dessa condenação vá tendo lugar gradualmente ao longo dos muitos fólhos que estavam ainda por escrever. Um dos elementos centrais dessa condenação consiste, como é sabido, na entrada em cena de uma nova personagem – Galaaz, o filho de Lancelot – cuja existência é, em si, um signo condenatório da conduta cavaleiresca do seu pai. Tentando contornar as inevitáveis confusões na designação dos vários textos, chamaremos a esta parte do romance “continuação cíclica do *Lancelot*”, por

---

(eds), *Lancelot du Lac III – La Fausse Guenièvre*, Paris, L.G.F., 1998; Yvain G. Lepage/ Marie-Louise Olier (eds), *Le Val des Amants Infidèles – Lancelot du Lac IV*, Paris, L.G.F., 2002.

<sup>11</sup> Corresponde ao texto que Elspeth Kennedy editou com base no ms. 768 BNF, atrás mencionado.

contraposição ao romance inicial não-cíclico. O seu termo ocorrerá na antevéspera do Pentecostes do Graal.

Para que se avalie bem o carácter ponderado e planeado destes aumentos e transformações da *estória*, deverá ter-se em atenção que, se é verdade que Galaaz apenas faz a sua aparição muito perto do fim da continuação cíclica do romance, o anúncio da sua vinda ocorre logo no primeiro episódio dessa mesma parte cíclica<sup>12</sup>.

A operação de continuação do *Livre de Lancelot* não foi, contudo, uma simples operação aditiva. Para que a *estória*, no seu todo, ganhasse coerência, quem a concebeu retomou o romance já redigido e reformulou uma porção da sua parte final, exactamente aquela que tem início com o sonho premonitório onde se situa o anúncio da vinda futura de Galaaz. Só então, após uma longa reescrita da matéria previamente existente, é que tem lugar a redacção de episódios cuja estrutura é inteiramente nova. No cômputo geral, o romance inicialmente não-cíclico mais do que duplicou.

Ao contrário do que sucede na parte do primitivo romance que não foi reformulada, esta nova versão da sua parte final, destinada a compatibilizá-lo com o ciclo em gestação, não apenas apresenta redacções muito diversas como um estado de preservação, no mínimo, complexo<sup>13</sup>.

Este estado de coisas explica as opções por vezes muito díspares dos editores quanto ao texto a privilegiar, e está sem dúvida na base da orientação dos olhares da crítica predominantemente para as divergências de forma em detrimento da diversidade dos conteúdos. Porque, na verdade, o que está em questão é saber se essa diversidade revela modos diferentes de concretizar um mesmo plano, ou se, pelo contrário, nada mais é do que o caos natural e inevitável da preservação de uma obra medieval no seio de uma tradição manuscrita extensa e maioritariamente tardia.

Ora, aprofundando ideias gerais já herdadas de Chrétien de Troyes, quem redigiu o *Lancelot não-cíclico* não hesitou em construir todo o enredo do romance em torno da ideia de que Artur é um mau rei, que abandona os seus vassallos e não retribui o serviço dos seus cavaleiros. Dessa falha resultaria, aliás, o facto de Lancelot se encontrar na situação de cavaleiro deserdado e pobre, o que, de algum modo, justifica ou suaviza a ofensa que este lhe faz ao manter relações íntimas com a rainha. Com o episódio da

---

<sup>12</sup> Referimo-nos ao sonho premonitório de Galeholt, que se situa no início da segunda viagem a Sorelois, no qual se anuncia que o leopardo, alegoria de Lancelot, será ultrapassado pelo leão, alegoria de Galaaz.

<sup>13</sup> Como foi observado, nem sempre os manuscritos que revelam maior integridade são os melhores, ostentando muitas vezes visíveis reformulações tardias Cf. Mosès, *op. cit.*, pp. 11 e seg..

falsa Guenièvre, na parte final deste romance não-cíclico (exactamente aquela que é objecto de refundição na concretização do projecto cíclico), os redactores vão mesmo ao ponto de construir um enredo em que o rei Artur trai a própria rainha com outra mulher e, seguidamente, condena a rainha à morte, mostrando um carácter a um tempo luxurioso e incapaz de fazer justiça. Já em tempos dissemos que o romance não-cíclico coloca o rei Artur numa posição próxima daquilo que na teologia política medieval era um *rex inutilis*<sup>14</sup>.

É a esta luz que é necessário ver o extraordinário vulto adquirido por Galeholt, que se apresenta no palco da narrativa como um duplo do rei Artur, alguém que, adornado de todas as virtudes exigíveis a um senhor feudal, nomeadamente o favor e apreço que concede à cavalaria na figura de Lancelot, se propõe assumir o lugar do mítico monarca. É, aliás, a sua absoluta generosidade que o levará a conhecer a derrota militar e, posteriormente, a morte ditada pelo desgosto e pelo amor frustrado<sup>15</sup>.

Parece compreensível que a expansão cíclica teria de lidar com estas personagens régias de um modo diferente, na linha do que viria a fazer com Lancelot, Guenièvre e a respectiva relação adúltera. Já em tempos deixámos dito<sup>16</sup> que, se no horizonte se apresentava a aventura do Graal, e se essa mesma “darraine queste”<sup>17</sup> deveria ter a corte do rei como ponto de partida, então era necessário que a imagem do monarca fosse pelo menos limpa dos seus mais graves erros. E assim será, por exemplo, no tocante às suas responsabilidades no deserdamento de Lancelot e da sua linhagem, quando ele mesmo dirigir, no extremo final da continuação cíclica, uma expedição militar que terá como objectivo reaver os reinos de Benoit e de Gaunes outrora perdidos para Claudas pelo seu vassalo, pai de Lancelot<sup>18</sup>. Mas se era obrigatório limpar a imagem exterior do rei e da sua corte, tal necessidade não era tão evidente relativamente à personalidade do rei, ao seu carácter e ética individual.

Convenhamos que existiam, pelo menos, algumas alternativas quanto ao tratamento desta questão, e os textos que subsistem dão testemunho dessas alternativas

---

<sup>14</sup> Para a nossa interpretação dos sentidos gerais do ciclo, remetemos o leitor para José Carlos Ribeiro Miranda, *Galaaz e a Ideologia da Linhagem*, Porto, Granito, 1998. Embora incidindo essencialmente no enredo não-cíclico, ver também as certas apreciações gerais de Kennedy, *Lancelot and the Grail*, e Mosès, *Lancelot*, t. I, pp. 9-36.

<sup>15</sup> Cf. Isabel Correia, “Do Amor no Lançarote de Lago”, in Jesus Cañas Murillo; José Roso; F. Javier Grande Quejigo (eds.), *Medievalismo en Extremadura. Estudios sobre literatura y cultura hispánicas de la Edad Media*, Cáceres, Univ. Extremadura, 2009, pp. 991-997.

<sup>16</sup> Cf. J. C. Miranda, *op. cit.*, pp. 167-189.

<sup>17</sup> Cf. José Carlos Ribeiro Miranda, *A Demanda do Santo Graal e o Ciclo Arturiano da Vulgata*, Porto, Granito, 1998, pp. 238-239.

<sup>18</sup> A. Micha, *Lancelot*, t. VI.

logo nos primeiros episódios que compõem a expansão cíclica do romance. Ora é nesse ponto que, na realidade, se verifica a existência de versões diferentes do romance e não apenas redacções diversas oferecendo variações meramente literais<sup>19</sup>, o que se torna visível no modo como os vários textos vão caracterizando certas figuras, como o par Artur/Galeholt. É um facto que Galeholt vem a morrer depressa, deixando muito cedo de ser um rival com que o rei se pudesse medir. Mas enquanto permanece em cena, o modo como ambas as personagens são retratadas, no jogo privativo de contrastes que protagonizam, torna-se um ponto muito sensível da narrativa.

A versão transmitida pelo ms. 751 da BNF em pontos distintos não hesita em dar do rei uma imagem fortemente negativa, sobretudo em matérias relacionadas com o comportamento sexual. Numa cena um tanto equívoca, já que lhe são atribuídos actos que ainda não havia praticado, o texto vai mesmo ao ponto de o acusar de ser perjuro, homicida, ladrão, herege e traidor: “(...) car tu [Artur] i ez de si desloial pichie entichez con je n’oz nomer, et la ou rois sacres et oint tient fame en songnantage, la est il **traitres** et **murdrieres** et **lerres** et **avostres** et **mescreans** et puet l’an tous les cest pichies crimonex en lui trover.”<sup>20</sup> Ora estas acusações estão ausentes tanto no ms. de Cambridge, que Alexandre Micha toma como base da sua edição, como no ms. 752 BNF, base da edição de François Mosès. Ao mesmo tempo, a versão transmitida pelo ms. BNF 751 (f.145rII) não hesita em classificar Galeholt como “le plus saige prince de son age qui fust puis le tans Salemon” enquanto o manuscrito de Cambridge opta por uma posição bem diversa, ao declarar que Galeholt era: “li plus vaillans de tos les haus princes enrés le roi Artu.”<sup>21</sup>

Ou seja, a “versão comum” (chamemos-lhe assim) parece afinar mais rigorosamente pelo plano cíclico a que nos referimos ao repor a integridade do rei logo desde o início do texto, enquanto a versão do ms. 751 BNF (que adiante designaremos pela sigla VP, de “versão particular”) ainda se revela em franca sintonia com o *Lancelot* não-cíclico, aprofundando mesmo a visão negativa de Artur herdada deste texto, sobretudo em aspectos não propriamente políticos, mas sim éticos e de carácter pessoal.

---

<sup>19</sup> Na realidade, a importante colação realizada por François Mosès entre o ms. 752 BNF, escolhido como referência da sua edição, e o de Cambridge, C.C.45, base, neste ponto, da edição de A. Micha, conquanto revele a superioridade do primeiro, leva facilmente a concluir que ambos se filiam na mesma versão.

<sup>20</sup> Fol 150r/II. O ms. 9611 BNE acrescenta “fornicador”.

<sup>21</sup> Micha, t. I, p. 1. As observações de F. Mosès, *Lancelot*, t. III, pp. 5-22, levam a pensar que mesmo na versão comum há hesitações quanto a este ponto do texto.

Um outro aspecto poderá ajudar a compreender melhor o alcance destas divergências. No conjunto de episódios que envolvem a falsa Guenièvre, momento onde a versão particular do ms. 751 BNF (VP) mais se singulariza e se afasta da versão editada (VC), o investimento em problemáticas de natureza ética é muito grande, revelando uma densidade teórica que por vezes exige mesmo a convocação de autoridades como Aristóteles ou Catão<sup>22</sup>. Por exemplo, a defesa do casamento é na versão deste manuscrito muito mais explícita e decisiva do que nos textos editados, o que funciona como crítica severa ao rei Artur no decurso do seu caso amoroso com a falsa Guenièvre, mas não deixa também de ser usado para censurar a própria rainha no *affaire* que mantém, e não virá a abandonar, com Lancelot.

Neste ponto, é a versão particular do ms. 751 BNF que parece articular melhor o plano cíclico, que tem, como é sabido, na frontal recusa da aventura amorosa adúltera, qualquer que esta seja, um dos seus pontos mais salientes. Assim, por entre realizações redaccionais às vezes próximas, outras vezes muito distintas, ambas as versões cumprem o plano cíclico, embora o façam com opções temáticas secundárias diferentes.

Um dos aspectos em que a versão do ms. 751 BNF parece trazer algo de específico – acentuando tendências que na versão mais difundida são pouco relevantes – é na razão avançada para explicar o infausto destino de Galeholt. Na realidade, tornava-se premente a necessidade de encontrar uma explicação para o completo desastre de uma personagem que era, sem dúvida, aquela que mais intenso louvor recolhia no *Lancelot não-cíclico*, louvor que se irá manter mesmo ao longo da refundição cíclica da parte final do romance. A solução encontrada pelo texto do ms 751 BNF ganha corpo por meio do uso insistente da palavra *mescheance* – a “má fortuna” ou “má ventura” – várias vezes repetida, que passa a figurar como explicação central para a queda de um senhor de vassallos da dimensão de Galeholt, instituindo ainda um *leitmotiv* que irá ter enorme posteridade<sup>23</sup>.

De facto, como foi em tempos evidenciado por Fanni Bogdanow<sup>24</sup>, alguns textos exteriores à dita Vulgata, como a *Suite du Merlin* e a *Demanda do Santo Graal*, este último sobretudo no epílogo consagrado à morte do rei Artur, irão fazer deste *leitmotiv* a

---

<sup>22</sup> Aspectos já minuciosamente postos em relevo por Isabel Correia em “Do Amor no Lançarote de Lago”, atrás citado.

<sup>23</sup> Cf. Isabel Correia, “A Queda da Orgulhosa Guarda e a *Mescheance*: um outro relato do *Lancelot en prose*”, in M. R. Ferreira, A. S. Laranjinha e J. C. Miranda (orgs.), *Seminário Medieval 2007-2008*, Porto, Estratégias Criativas, 2009, pp. 157-186.

<sup>24</sup> Fanni Bogdanow, *The Romance of the Grail. A study of the structure and genesis of a thirteenth-century arthurian prose romance*, Manchester/New York, Manchester University Press / Barnes & Noble Inc., 1966.

explicação essencial do percurso trágico de outras personagens arturianas poderosas. Na *Suite* integrada no *Livro de Merlin*, tal sucederá com o rei Pelinor, o pai de Perceval; e na *Demanda*, com o próprio rei Artur e com o conjunto da sua brilhante corte em vésperas da definitiva queda<sup>25</sup>. Assim, parece haver alguma continuidade entre a versão particular do *Lancelot* a que vimos aludindo e os textos caracterizados por alguns sectores da crítica como “pós-Vulgata”, textos que têm a particularidade de se terem difundido generosamente na Península Ibérica medieval.

Anote-se que não é apenas a *mescheance* que liga tematicamente esta versão do *Lancelot* ao referido ciclo ibérico. A imagem luxuriosa e eticamente reprovável do rei Artur é outro dos traços bem evidentes na versão do ms. 751 BNF e também nos textos ibéricos, tendo mesmo levado a que se visse nesse triste destino de Artur o elemento temático central que presidiu à realização do próprio ciclo que se difundiu no ocidente e no centro peninsular, em substituição do enredo do *Lancelot* como eixo articulador da diegese.

Ora a versão contida no ms. 751 BNF tem um representante peninsular precioso e distinto, que é a redacção conservada no ms. 9611 da Biblioteca Nacional de España, há poucos anos editado pelo Centro de Estudios Cervantinos<sup>26</sup>, cujas ligações redaccionais (e outras) aos restantes romance cíclicos – sobretudo aos que tiveram presença em Portugal desde os finais do séc. XIII –, são muitas, como se verá adiante. Este conjunto de ocorrências e evidências leva-nos a concluir que o ciclo de romances arturianos mais difundido na Península Ibérica – que preferimos identificar como “Ciclo do Pseudo-Boron”, designação antiga e de créditos firmados<sup>27</sup> –, que hoje em dia só é possível reconstruir através de redacções portuguesas e castelhanas relativamente tardias e de alguns antigos e preciosíssimos fragmentos portugueses, se construiu em torno da versão particular do *Lancelot* contida no ms. 751 BNF (VP), tendo sido concebido como continuação dos veios temáticos que lhe são característicos.

---

<sup>25</sup> Aspectos ultimamente estudados de uma forma exaustiva por Ana Sofia Laranjinha, *Artur, Tristão e o Graal. A escrita romanesca do Ciclo do Pseudo-Boron*, Porto, Estratégias Criativas, 2010.

<sup>26</sup> Antonio Contreras Martín & Harvey Sharrer (eds.), *Lanzarote del Lago*, Madrid, Centro de Estudios Cervantinos, Alcalá de Henares, 2006.

<sup>27</sup> Esta designação decorre da atribuição a Robert de Boron de vários dos textos que compõem o ciclo, tendo sido generalizadamente aceite até que Fanni Bogdanow propôs a sua substituição por “Ciclo da Pós-Vulgata”, designação que pressupõe a aceitação da sua teoria sobre a relação entre este complexo ciclo e o não menos complexo ciclo chamado “da Vulgata”. Como estas vastas relações cíclicas estão longe de se considerar elucidadas, não cremos ser necessário adiantar mais argumentos para apoiar a manutenção de uma designação que tem a virtude da neutralidade.

Esta versão do *Lancelot* não conta actualmente com muitos testemunhos nem é de esperar que se venham a identificar outros com maior integridade do que os já conhecidos. Contam-se entre eles o ms. 865 da Bibliothèque Municipale de Grenoble, do qual a parte mais relevante foi publicada por Alexandre Micha. Ora, confrontando o *Lançarote* ibérico com estes dois testemunhos franceses, verificamos que não se detectam nestes últimos referências a um contexto cíclico mais vasto, envolvendo romances como o *Livro de Tristan*, o *Livro de Merlin* ou episódios específicos da *Demanda do Santo Graal*, ao contrário do que sucede no romance peninsular, onde essas referências são frequentes<sup>28</sup>. Assim, a versão particular do *Lancelot* representada por esses manuscritos franceses será logicamente anterior ao ciclo do Pseudo-Boron e totalmente independente do que viria a ser esse ciclo. Ou seja, o protótipo francês do *Lançarote* ibérico terá sido um testemunho dessa versão não reflectido em nenhum dos manuscritos actualmente conhecidos.

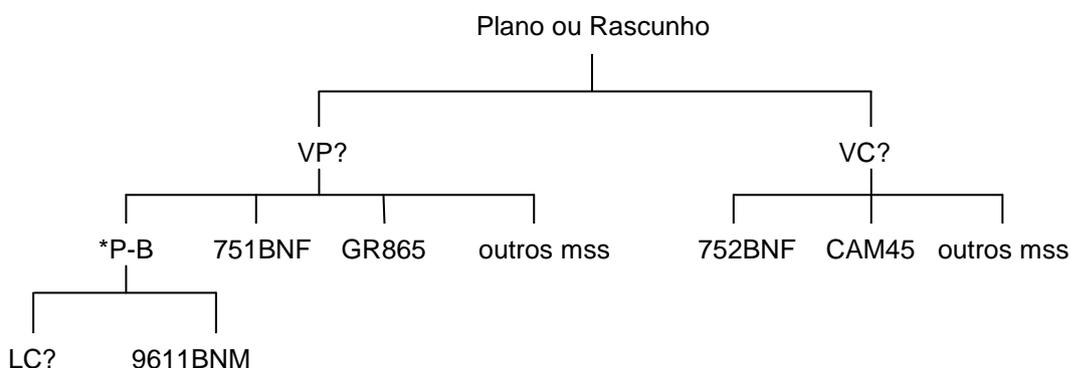
Muito recentemente foram encontrados em Coimbra quatro fragmentos de um manuscrito francês do *Lancelot* datável do início do séc. XIV ou ainda do séc. XIII, cujo texto reproduz uma parte do romance que facilmente se identifica com o que se pode ler no ms. 751 BNF, sendo, pois, muito próximo também do *Lançarote de Madrid*<sup>29</sup>. É sem dúvida mais um testemunho, infelizmente fragmentário, da versão particular do *Lancelot* a que nos vimos referindo. Infelizmente, essa exígua porção de texto não contempla nenhum dos pontos em que a narrativa castelhana se singulariza no conjunto desta versão do romance, privando-nos de saber se conteria já ou não o conjunto de interpolações e de adaptações existentes no texto castelhano e que permitem confirmar a sua conformação com o ciclo do Pseudo-Boron. Sendo assim, tal como sucede generalizadamente com os restantes romances que compõem este ciclo, também para a sua “branche *Lancelot*” não é possível identificar um antecedente francês directo, ou um testemunho de elevada proximidade. Mas não deixa de ser tremendamente singular que um manuscrito francês desta versão do *Lancelot* se venha a encontrar justamente na cidade donde é originário o Joan Vivas, que surge como tradutor das versões portuguesas da *Estoire del Saint Graal* e da *Queste del Saint Graal* do Pseudo-Boron.

---

<sup>28</sup> Cf. Isabel Correia, “Do Amor no Lançarote de Lago”.

<sup>29</sup> Transcrição e estudo destes fragmentos em Isabel Correia/ José Carlos Miranda, “Os Fragmentos A19 da B.G.U.C. e a Tradição Textual do *Lancelot*”, in *Seminário Medieval 2009-2010*, Porto, Estratégias Criativas, 2011, pp. 13-46 (disponível em [www.seminariomedieval.com](http://www.seminariomedieval.com)).

A argumentação aduzida quanto à expansão cíclica do *Lancelot* poderá sintetizar-se no seguinte esquema:



Será, no entanto, de ressaltar que não é seguro que a “versão particular” (VP) seja paralela à “versão comum” (VC), podendo também decorrer desta última; e que os fragmentos da Biblioteca Universitária de Coimbra (LC) podem não representar uma adaptação “Pseudo-Boron” da VP, mas apenas uma versão desta última semelhante às dos restantes testemunhos conhecidos em língua francesa. Em ambos os casos, seria necessário ajustar o esquema proposto.

Seja como for, tanto os avanços no conhecimento dos textos como os afortunados achados ocorridos nestes últimos tempos são animadores, permitindo ter uma ideia cada vez mais segura sobre a circulação de um importante filão arturiano que animou o ambiente literário ibérico do final da Idade Média.

## O ciclo do Pseudo-Boron e o estatuto do *Lancelot* ibérico

(Isabel Correia)

A versão do *Lancelot en prose* preservada no ms. 9611 da Biblioteca Nacional de España, um códice quinhentista que apenas conserva o “Segundo e Tercero Libros” do *Lançarote de Lago*, não incluindo portanto a primeira parte da biografia do cavaleiro<sup>30</sup>, é o testemunho mais íntegro de uma versão ibérica deste romance arturiano

<sup>30</sup> A narrativa tem início com a segunda viagem para Sorelois e termina, no que ao enredo do *Lancelot* conhecido diz respeito, com a vitória do cavaleiro sobre o xadrez mágico, ou seja, não inclui a infância do herói e a sua chegada à corte arturiana, nem as derradeiras aventuras, como a demência do protagonista ou o encontro com Galaad. Nos últimos fólios, como veremos, há episódios acrescentados que não existem no *Lancelot en prose* conhecido.

em prosa que teve a fortuna de chegar até aos nossos dias. Como sabemos, para além do *Lançarote*, apenas se preservam em língua ibérica dois fragmentos escritos em catalão, datados do século XIV<sup>31</sup>. A exígua porção de texto que conservam, apenas três fólios do que seria, certamente, um extenso romance, não permite aventar hipóteses seguras sobre a sua relação com as fontes francesas ou com os ciclos de romances arturianos em prosa. Assim, o *Lançarote de Lago* é fulcral para o estudo da circulação da matéria arturiana em território ibérico, mormente no que diz respeito à tradição textual do *Lancelot* e sua difusão na península ibérica.

Foi nessa perspectiva que estudámos a versão castelhana na nossa tese de doutoramento<sup>32</sup>, onde abordámos, além de outras questões, as relações do *Lançarote de Lago* com a tradição manuscrita francesa, com o objectivo de determinar o grupo de manuscritos a que pertenceria o original francês da tradução ibérica. A análise comparatista que seguimos permitiu-nos chegar a algumas conclusões. Assim, é possível afirmar que a versão particular do *Lancelot en Prose* (a já referida VP) conservada no ms. 751BNF revelou ser aquela que tem maior afinidade com a versão ibérica, embora o manuscrito francês não possa ser considerado a fonte directa da tradução. O texto castelhano não mantém relações de proximidade com a versão longa editada por A. Micha (a mencionada versão comum, ou VC), pelo que é pertinente não os incluir na mesma família textual. Este afastamento é evidente quer na letra, quer no sentido, como demonstrou a análise de alguns pontos críticos da narrativa como o episódio da Falsa Genevra, a investidura de Leonel ou a cena do anel no episódio do Vale sem Retorno e de algumas personagens, como Genevra e Morgana. Tanto a versão ibérica como a que consta no ms.751BNF revelam um investimento muito marcado em áreas como a condição régia e o poder senhorial e fazem a apologia do casamento como ordem estruturante da sociedade – destacando a tensão latente entre matrimónio e *fin'amors* – e da cavalaria como sustentáculo do poder feudal<sup>33</sup>.

Acrescente-se que o romance ibérico possui longas e consistentes interpolações que o integram no ciclo do Pseudo-Boron, uma reescrita do primeiro ciclo arturiano em prosa redigido por volta de 1230, que integrava a *Estoire del Saint Graal* e o *Roman de*

---

<sup>31</sup> José Manuel Lucía Megías, “Literatura Caballeresca Catalana : de los Testimonios a la Interpretación (un Ensayo de Crítica Ecdótica), *Caplletra* (Revista Internacional de Filologia), 39, Tardor, 2005, pp. 231-256, in [http://eprints.ucm.es/6514/1/2005Literatura\\_caballeresca\\_catalana\\_\(Caplletra\).pdf](http://eprints.ucm.es/6514/1/2005Literatura_caballeresca_catalana_(Caplletra).pdf)

<sup>32</sup> Cf. Isabel Correia, *Do Lancelot ao Lançarote de Lago. Tradição Textual e Difusão Ibérica do ms. 9611BNE*, Porto, Faculdade de Letras, dissertação policopiada, 2010.

<sup>33</sup> Cf. *idem*, pp. 218- 220 e pp. 337-341.

*Merlin* com a sua *Suite* e ainda o *Livre de Lancelot* e uma redacção do *Livre de Tristan*, terminando com a *Queste* atribuída a Robert de Boron, de que a *Demanda Portuguesa* é o testemunho mais completo<sup>34</sup>. Estas sólidas diferenças face aos restantes testemunhos conhecidos concretizam-se em cirúrgicas intervenções e também na inclusão de grandes porções de texto, sobretudo na parte final do *Lançarote*, mas apenas a matéria que ocupa os fólios 349-352 e a referência ao Cavaleiro das Duas Espadas, aquando da concepção de Galaaz, foram já objecto de estudo por parte de alguns investigadores<sup>35</sup>.

Para além das referências conhecidas da crítica, observámos no *Lançarote de Lago* mais três alusões a personagens e acontecimentos que se relacionam com o *Livre de Merlin* e o *Livre de Tristan*. A primeira delas ocorre no momento em que Bertolais, cavaleiro defensor da Dama de Tarmelida, no episódio conhecido como “Falsa Genevra”, relembra Artur das circunstâncias em que ocorrera o noivado com a rainha, que levava como dote a Távola Redonda. Confronte-se a versão castelhana com a preservada no ms. 751 e com a editada por Micha:

<i>Lançarote de Lago</i> (LL, XVI, pp. 12-13) <sup>36</sup>	<i>Lancelot</i> (ms.751BNF, 150vII) <sup>37</sup>	<i>Lancelot</i> (Micha, t. II, §14, p. 25) <sup>38</sup>
Y mío señor el rey, a quien Dios aya merced del alma, [I]e serbiste desde Natal fasta Pentecosté, aquel día servistes bós a la Tabla Redonda ante los cien cavalleros, <b>ca tantos eran entonzes y bós posistes después los cinquenta que ende avia menos (...)</b> <b>Donde avino después que cuando enbiastes a Merlín por ella y le devisaron que non avia de casar, sino com aquél de quien se pagase todos los de la</b>	(...) et la servistes mon signor le roi, dont Diex ait l'aume, des le Noel duc a la Pentecoste. Et celui jor servites vous a la table reonde devant <u>les cent et cinquante chevaliers</u> et illuec gangnastes vous le cuer et la grasce de tous ciax qui i manioient et dit chascuns c'onques mais un seul valet n'avoient veu qui si fust a talentables et plaisants et par ce vous fu	(...) et illuec servistes mon seignor le roi del Noël jusqu'a Pentecoste et le jor trenchastes vos le poon a la table Reonde <u>au los des cent et cinquante chevaliers qui i seoient</u> . Si en fu chascuns servis a son talent et par ce eustes vos la plus vaillant dame qui soit: ce fu ma dame la roine, et vos dona mesure li rois le plus haut don qui fust doné en mariage, ce fu la Table Reonde.

<sup>34</sup> Cf. José Carlos Miranda, *A Demanda do Santo Graal...*, pp. 244 e seg. e ainda Ana Sofia Laranjinha, *Artur, Tristão e o Graal*, p. 407 e seg.

<sup>35</sup> Referimo-nos, nomeadamente, aos trabalhos de Père Bohigas Balager, “El Lanzarote Español del manuscrito 9611 de la Biblioteca Nacional”, *Revista de Filología Española*, XI, 1924, pp. 282-297; William Entwistle, *A Lenda Arturiana nas Literaturas da Península Ibérica*, Lisboa, Imprensa Nacional de Lisboa, 1942, pp.171-190; Antonio Contreras Martín, *La Imagen de la Caballería en el Lançarote del Lago Castellano*, Barcelona, Universitat de Barcelona, dissertação policopiada, 2001; José Carlos Ribeiro Miranda, *A Demanda do Santo Graal...* pp. 23-44; Fanny Bogdanow, “The Madrid Tercero libro de don Lançarote (ms. 9611) and its Relationship to the Post-Vulgate Roman du Graal in the Light of a Hitherto Unkwon French Source of One of the Incidents of the Tercero Libro”, *Bulletin of Hispanic Studies*, LXXVI, 1999, pp. 441-52.

<sup>36</sup> Usamos a edição de Harvey Sharrer e Antonio Contreras Martín, já referida. Designamos a edição pela sigla LL. Sempre que a nossa leitura seja divergente da dos editores, remetemos em nota para a edição.

<sup>37</sup> Transcrição da nossa responsabilidade do manuscrito inédito.

<sup>38</sup> A versão curta do ms. 768 BNF editada por Micha não contém esta passagem. Veja-se Micha, t. III, pp. 24-26.

<p><b>Tabla Redonda, que él dixo después: “dalda al rey Artur, que aquéste es el escudero que bos aquí serbió el día de Pentecoste.</b></p>	<p>donee la plus vaillans damoisele qui onques fust ce fu ma dame qui ne pooit estre mariee a nul home qui n’eust le cuer et la grace de touz ciax de la table. Ensi fu fait de vous et de li li mariages<sup>39</sup>, ansoit c’onques hons ne seust qui vous estiez ne qui non et avec li preistes vous le plus riche don et le plus bel qui onques este dones en mariage de fame, cest la Table Reonde.</p>	
---	--	--

Como se verifica pelos excertos transcritos, a versão castelhana dá uma informação distinta sobre o número de cavaleiros que compõem a Távola Redonda e integra informação relativa ao papel de Merlin no noivado de Artur. No nosso entender, ambas as opções estão profundamente ligadas, sugerindo que, ao tempo da escrita da versão conservada no *Lançarote*, outros textos foram manuseados pelo redactor. Observemos o que nos diz o *Livre de Merlin*, na parte correspondente à *Suite du Merlin*<sup>40</sup>, sobre a composição da Mesa Redonda na altura em que Artur e Merlin se deslocam a Tarmelide:

Mais elle n’e est mie toute, ains s’en faut .L. chevaliers, qui puis sont mort que li rois Uterpendragons trespasa de cest siecle. Et jou en eusse já mis .L. que jou avoie esleu, mais uns preudom hermites me dist que je m’en entremesisse já de metre les .L. (...) Et chis i asserra .L. des plus preudommes, que vous ne troverés en vostre país. Cele parole me dist li preudom et pour chou laissai jou en tel maniere la **table qu’il n’i a orendroit que .C. chevaliers de .C. et .L. qu’il en i doit avoir par conte.** – Certes, fait Merlins, c’est voirs. Tant en i doit il avoir, si i seront asses tost mis, se Diu plaist.<sup>41</sup>

Bertolais, nas outras versões do *Lancelot*, refere-se aos acontecimentos que tinha presenciado no tempo do rei Leodagan, o pai de Genevra, afirmando que a Mesa Redonda era já então constituída por 150 cavaleiros, mas de acordo com a passagem da *Suite*, que acima transcrevemos, este número só seria atingido no tempo do rei Artur. Esta indicação leva-nos a pensar que os redactores das versões francesas conhecidas do *Lancelot*, que mencionam que a Távola Redonda possuía já 150 cavaleiros antes do casamento de Artur, não conheciam a *Suite*, talvez porque esta continuação do *Livre de Merlin* ainda não se encontrava redigida, mas o mesmo não se passava com o redactor do nosso texto. Assim, parece-nos possível que o redactor da versão original do

<sup>39</sup> *mari(C reonde)ages*. Suprimimos esta palavra na tabela para facilitar a leitura da passagem.

<sup>40</sup> A edição utilizada é a de Gilles Roussineau, *La Suite du Roman de Merlin*, Genève, Droz, 2 vols, 1996. Usamos a sigla SM para identificar esta obra.

<sup>41</sup> SM, §245, p. 199, sublinhado nosso.

*Lançarote*, conhecendo a *Suite*, tenha corrigido uma afirmação que considerava errada de acordo com a diegese do ciclo.

Mais adiante, no momento em que Keu decide partir para resgatar Genevra da prisão de Meleagant, encontramos um procedimento semelhante por parte do redactor do *Lançarote*:

<i>Lançarote do Lago</i> (CCLV, p. 128)	<i>Lancelot</i> ms. 751BNF (f. 196 rII)	<i>Lancelot Micha</i> (t. II, §XXXVI, p. 6)	<i>Lancelot Micha VC</i> (ms.110, t. III,p.259)
E a mí pésame mucho, dixo el, que lo amo mucho e es <b>mi collaço</b> , e otrosi me fiço siempre mucho servicio.	Et ge ain tant son <sup>42</sup> service que mult en auroie grant duel.	Li rois avoit Keu molt chier, si mist totes les paines qu'il pot en lui retenir, mais il ne volt dire la chose por quoi il remandroit .	Et j'aim plus son service que rien ; et por ce en ai jou molt grant doel.

Como se constata, em todas as versões, Artur fica pesaroso com a partida de Keu, a quem queria muito, mas apenas na versão ibérica se afirma que Artur e Keu eram “irmãos de leite”, informação que remonta já ao *Livre de Merlin*, estando presente na *Suite* atribuída ao Pseudo-Boron<sup>43</sup>. Ainda que Keu, o mordomo, seja uma personagem com uma ampla tradição narrativa e que a afinidade que mantém com Artur seja um tema que já se encontra no *Merlin*, logo pouco decisivo para aferir das relações entre o *Lançarote* e o universo do Pseudo-Boron, julgamos que esta informação terá origem, provavelmente, em obras mais próximas da versão original do *Lançarote*. Não podemos deixar de mencionar que, para além das referências que constam do *Merlin* e da *Suite*, também o *Tristan en prose* preserva esta relação de parentesco entre Keu e o rei, num episódio estruturalmente próximo daquele que encontramos no romance castelhano. A alusão a Keu como irmão de leite de Artur aparece no ms. 757BNF<sup>44</sup>, que representa a versão breve do *Tristan en prose*<sup>45</sup>.

Depois de ter derrotado Palamède, Tristan segue com Iseu até à Joiosa Guarda. Durante o percurso, passam diante de Camalot onde Artur e seus cavaleiros haviam erguido alguns pavilhões. Quando o par amoroso passa pelo rei sem proferir palavra, Keu vai ao encontro de Tristan para que este se junte ao monarca que deseja falar-lhe. O

<sup>42</sup> *sen*, subponteado pelo copista, *son*.

<sup>43</sup> Cf. Alexandre Micha, *Merlin. Roman en Prose du XIII<sup>ème</sup> siècle*, Genève, Droz, 1979, §73 p. 248 (usamos a sigla M para nos referirmos a esta obra) e *Suite du Merlin*, §20, p. 16.

<sup>44</sup> Cf. *Le Roman de Tristan en Prose*, t. II, ed. N. Laborderie & T. Delcourt, Paris, Honoré Champion, 1999. Esta edição será referida ao longo deste trabalho pela sigla TP757.

<sup>45</sup> De acordo com o importante estudo de Emmanuèle Baumgartner, *Le Tristan en Prose. Essai d'Interprétation d'un Roman Médiéval*, Genève, Librairie Droz, 1975, este testemunho conserva uma versão refundida e com diversas interpolações provenientes do ciclo do Pseudo-Boron.

cavaleiro declina, justificando que tem um longo caminho pela frente. O senescal considera que Tristan foi orgulhoso e desafia-o para um duelo. Como seria de esperar, o cavaleiro da Cornualha leva vantagem e o rei, preocupado, “s’en ire fort et courrouce, cri la doutance grant que misere Kex ne soit mort, et il amoit Kex mult durement por ce que **norri avoient este ensemble**.”<sup>46</sup> Para além da frase enunciada conter a mesma informação, a construção dos episódios no *Lançarote* e no *Tristan* é bastante próxima, como se pode ver na tabela abaixo:

<i>Lançarote de Lago</i>	<i>Tristan en Prose</i>
<ul style="list-style-type: none"> <li>– Meleagant desafia a autoridade do rei, exigindo a rainha;</li> <li>– Keu, de forma intempestiva, oferece-se para conduzir Genevra e lutar contra Meleagant, defendendo a honra do rei;</li> <li>– Artur teme perder Keu porque o estima por ser seu colação.</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>– Tristan desafia a autoridade do rei quando não o cumprimenta, nem acede ao seu pedido;</li> <li>– Keu, de forma algo intempestiva, desafia Tristan e luta com ele;</li> <li>– Perante a desvantagem de Keu, Artur teme perdê-lo, pois devota-lhe amizade por terem sido “norrit ensemble”.</li> </ul>

A existência destas coincidências estruturais entre a narrativa do *Lancelot* e o *Tristan en Prose* testemunha, mais uma vez, a dependência deste último em relação ao primeiro, como já tem vindo a ser defendido desde os estudos de Baumgartner<sup>47</sup>: o *Lancelot en Prose* terá sido um modelo para a concepção do livro em torno do cavaleiro da Cornualha, quer na apropriação de motivos, quer na estrutura de episódios.

Porém, o que nos parece relevante para o nosso trabalho é o facto de a versão castelhana do *Lancelot* referir os laços que unem o mordomo e o rei Artur, numa discreta interpolação que aproxima o romance castelhano do *Tristan*. No nosso entender, esta informação poderá ter sido introduzida no *Lançarote* pelo conhecimento que o redactor tinha acerca desta personagem através do *Livre de Tristan* ou da *Suite du Merlin*. Atentemos em mais uma indicação que relaciona o *Lançarote do Lago* com o *Tristan en prose*.

A passagem em causa situa-se no “Tercero Libro”, numa secção dedicada às aventuras de Lançarote quando guiado pela “Donzella Vieja”. Depois de sair vitorioso de um combate contra os filhos do Duque de Gavelas, Lançarote adormece debaixo de uma macieira. Enquanto ele dorme, passa por ali uma linda donzela. Cativada pela beleza do filho de Ban de Benoit, chama duas damas que a acompanhavam, Morgana e Sebila<sup>48</sup>. Nas três versões, as três donas são consideradas as que mais sabem de

<sup>46</sup> TP757, §209, p. 377, sublinhado nosso.

<sup>47</sup> E. Baumgartner, *op.cit*, pp. 118-132.

<sup>48</sup> Cf. *Lançarote do Lago*, f.299r; ms. 751 BNF, f.278rI; Micha, t. IV, p. 173.

encantamentos com exceção da Dama do Lago, mas no *Lançarote de Lago* surge uma terceira figura feminina como termo de comparação, a “reina de Norgales”. Numa primeira leitura, a inclusão desta referência parece-nos estranha ou inexplicável. Se apenas tivermos em conta o *Lancelot*, sabemos que *la roine de Norgales* é uma personagem pouco interventiva, sem qualquer destaque<sup>49</sup>. Não poderia ser esta a personagem que encontramos na versão ibérica, a par com a Dama do Lago, como sábia de encantamentos.

Ora, a *roine de Norgales* comparece no texto de um dos manuscritos do *Tristan en Prose* colacionados por Löseth<sup>50</sup>, o ms. 99 BNF.<sup>51</sup> Nessa versão, não é uma personagem menor, mas uma das duas damas que sempre acompanhavam Morgana. Após o episódio do *Lai voir Disant*<sup>52</sup> em que se denuncia o mau carácter do rei Marc, o ms. 99 BNF intercala o episódio de “Alexandre l’Orphelin”, onde um jovem deseja vingar o pai que fora morto por Marc. O rei sabe das intenções de Alexandre, seu sobrinho, e planeia matá-lo. Depressa estas novas correm pelo reino e Morgana fica a saber da grande proeza do cavaleiro órfão, que deseja ter ao seu serviço. Quando parte em demanda do jovem, a irmã de Artur “s’en va tout droitment vers la dame de Norgales et vers Sebillle l’enchanteresse.”<sup>53</sup>

Ao que parece, o redactor da versão representada pelo *Lançarote* partiu de um episódio já conhecido, reconfigurando os seus intervenientes, conferindo um maior destaque, ainda que negativizando-a, a uma personagem quase inexistente no

---

<sup>49</sup> A sua fugaz aparição no *Lancelot en Prose* (Micha, t. VIII, p. 383; 751 BNF, f. 90rII) dá-se no episódio em que Gauvain, conduzido por uma donzela amiga de Sagremor, chega ao palácio do rei de Norgales onde estava uma das mais belas mulheres, que o desejava mais que tudo no mundo. O cavaleiro entra na câmara da donzela e ambos têm uma noite de amor. Fatigados, acabam por adormecer e são descobertos pelo pai da jovem que jura matar o cavaleiro que desonrou a sua filha. Ao contar o sucedido à rainha, esta “commence trop grand duel a faire.” Nada mais se diz ou sabe da rainha de Norgales que, em justa medida, não chega sequer a proferir uma palavra.

<sup>50</sup> Eilbert Löseth, *Le roman en prose de Tristan, le roman de Palamède et la Compilation de Rusticien de Pise- analyse critique d’après les manuscrits de Paris*, Paris, E. Bouillon, 1891. Este estudo passará a ser designado “Löseth”.

<sup>51</sup> Fanni Bogdanow, “Introduction”, *La version Post-Vulgate de la Queste del Saint Graal et de la Mort Artu, troisième partie du Roman du Graal*, Paris, vol.1, Soc.des anciens Textes Français, 1991, pp. 142-147, fornece-nos uma descrição sumária deste manuscrito que contém uma versão do *Tristan*. De acordo com a erudita de Manchester, “le volume donne une rédaction complète de la deuxième version du *Tristan en prose*, mais contient (...) des interpolations qui ne se retrouvent pas dans les autres manuscrits.” (*idem*, p. 143).

<sup>52</sup> Löseth, pp. 184-185.

<sup>53</sup> Löseth, p. 189, sublinhado nosso.

*Lancelot*<sup>54</sup>. Conhecendo o *Tristan*, adicionou esta personagem num contexto que se coadunava com as características que os redactores tristanianos lhe haviam atribuído.

Pelo que vimos até aqui, o *Lañçarote* contém mais referências relacionáveis com o universo cíclico do Pseudo-Boron do que aquelas mencionadas pela crítica, apontando para relações com dois livros do ciclo, o *Merlin* (na *Suite* acrescentada pelo Pseudo-Boron) e o *Tristan*. Os episódios constantes nos fólhos finais, que a seguir sistematizamos, fornecem mais pistas sobre a estratégia redaccional do *Lañçarote*. Lembremos a história:

Galban, Gariete, Boors, Lionel e Lançarote decidem abandonar a corte em busca daqueles que tinham ido em demanda do amante da rainha. Antes de partir, o filho de Ban de Benoit tem uma conversa com Genevra em que esta lamenta que o amor dos dois venha a impedir o cavaleiro de concretizar as aventuras do Graal. A narrativa afasta-se da versão francesa quando Artur chama a rainha e Lançarote para jantar. Quando todos comiam alegremente, eis que chega uma donzela da parte de Don Tristan. A mensageira pede a Artur que aconselhe o cavaleiro sobre o amor que nutre por Iseu e lembra o rei que deve fazê-lo pois Tristan já lhe salvou a vida. Afastado da Cornualha, em sofrimento por não poder ver a amada, Tristan deseja que o rei lhe diga o que fazer perante tal sentimento que o confunde. Artur responde assertivamente, afirmando que, para manter a sua honra, Tristan devia abandonar os amores com a mulher de seu tio. Todos os cavaleiros concordam com Artur, excepto Lançarote que aconselha Tristan a ser fiel ao amor que sente por Iseu, ainda que isso signifique a sua morte, pois assim será admirado como o melhor dos cavaleiros e amadores<sup>55</sup>:

Desejoso de conhecer Tristan, Lançarote parte em sua demanda. No seu percurso chega à “Insula de Merlín” após passar uma ponte de ferro, e leva a cabo uma série de aventuras anunciadas na *Suite*, ficando também a saber que a espada que acabara de

---

<sup>54</sup> Todavia, esta personagem terá sofrido várias reconfigurações nas diversas versões do *Tristan en prose*. Para além das duas que mencionámos, é ainda referida como “amiga” do rei dos Cem cavaleiros (Löseth, §368, p. 269).

<sup>55</sup> Cf. LL, CCCXXVIII, p.383. Observando o episódio, verifica-se que a relação com o *Tristan en Prose* vai mais além do que a referência explícita ao cavaleiro da Cornualha. Assim, alude-se a episódios tristanianos, como Artur salvo por Tristan na floresta de Darvances, a expulsão de Tristão da Cornualha quando Marc descobre a sua relação com Iseu. Para uma análise detalhada deste episódio veja-se Isabel Correia, *Do Lancelot ao Lançarote de Lago*, pp. 264-285. Conforme Bogdanow já notou, o começo deste episódio do *Lañçarote* encontra-se também documentado num texto redigido em francês, datado do séc. XIV, o fragmento de Imola. Para mais informações sobre este assunto veja-se F. Bogdanow, “The Madrid Tercero libro de don Lançarote...”, e Isabel Correia, “Em Torno da Circulação Peninsular da Matéria Arturiana”, *In marsupiiis peregrinorum. Circulación de textos e imágenes al rededor del camino de Santiago en la Edad Media. Actas del Congreso Internacional (Santiago de Compostela, 24-28 marzo 2008) al cuidado de Esther Corral Díaz*, Firenze, Ediz. Galluzzo per la Fondazione Ezio Franceschini, 2010, pp. 455-470 e também *Do Lancelot ao Lançarote de Lago*, pp. 265-267.

retirar da campa de Balain, o Cavaleiro das Duas Espadas, seria aquela que mataria Don Galban. Neste ponto, o texto remete para o “Livro de Don Galás” pois é aí que se narra essa história em detalhe. Lançarote, após desfazer os encantamentos do “Lecho de Merlin”, aventura também prevista na *Suite*, encontra uma “dona vieja” que lhe roga que abandone a ilha. O cavaleiro acede e volta a passar a ponte de ferro, retomando o caminho que o conduzirá ao mar. Aí encontra uma barca com doze donzelas a quem pergunta por Tristão. Depois de saberem o seu nome, as jovens convidam-no a entrar na embarcação, com a promessa de lhe darem notícias sobre o cavaleiro da Cornualha. Após navegarem toda a noite, chegam à “Insula Fonda” onde “el rey Pelinor hera en una câmara muy rica, y su escudero de don Lanzarote fallose cerca de una fuente” (f. 355). O romance termina neste ponto com a advertência de que se há-de começar o “Libro de Don Tristan”.

Como se verifica, mais uma vez, a narrativa relaciona-se com o *Livre de Tristan* e o *Livre de Merlin*. Contudo, nos fólhos finais, o narrador remete para o “Livro de Galás”, onde se poderá conhecer em pormenor os acontecimentos a que alude. Assim, o *Lançarote* entronca em mais uma obra do ciclo do Pseudo-Boron: a sua versão da *Queste*. Ora, ainda antes dos episódios finais, encontramos duas referências ao “Livro de Galás”: a primeira delas está relacionada com a morte de Artur e Mordered na batalha de Salesbieres<sup>56</sup>, e a segunda com o rapto da rainha por Lancelot após a delação de Agrevain<sup>57</sup>. No mesmo ponto da narrativa, a versão editada por Micha e a do ms. 751 anunciam os dois episódios, mas não referem o livro<sup>58</sup>.

Vejamos, por último, a remissão para a matéria do “Livro de Galás” que é exclusiva do *Lançarote de Lago*. Também esta se situa nos fólhos finais: “Y así fue que de una ferida que le dio don Lançarote, quando entro en él campo sobre la reina Ginebra, murió, segund se cuenta el en **libro de don Galás**”<sup>59</sup>.

Como se verifica, todas estas indicações redacionais que remetem para a mesma obra, o “Livro de Galaz”, mencionam igualmente o mesmo momento narrativo, a queda do reino arturiano. Esse acontecimento aparece anunciado nos três grandes sucessos que o condicionam: a batalha de Salesbieres, o rapto da rainha por Lancelot

---

<sup>56</sup> Cf. LL, p. 381.

<sup>57</sup> Cf. LL, p. 381.

<sup>58</sup> Cf., respectivamente, Micha, t. IV, p. 397 e ms. 751BNF, f. 310vI e ainda Micha, t. IV, p. 399 e ms. 751 BNF, f. 310vII.

<sup>59</sup> Manuscrito 9611 BNE, f.351v. A pontuação que os editores usaram neste ponto parece-nos equívoca. Optámos por colocar a forma verbal “murió” entre vírgulas para que não houvesse dúvidas sobre o sujeito desse verbo.

após a condenação do adultério então revelado e a morte de Gauvain às mãos do seu companheiro. Como já adiantámos noutro trabalho<sup>60</sup>, se é verdade que os acontecimentos referidos nas duas primeiras remissões, que atrás citámos, são comuns à *Mort Artu*<sup>61</sup> e à *Demanda Portuguesa*, a informação que consta na última, aquela exclusiva do *Lançarote*, só se encontra nas versões preservadas nos testemunhos ibéricos. É verdade que também na *Mort Artu* se menciona o golpe desferido por Lancelot, motivado pelo rapto da rainha que o cavaleiro salva da fogueira, mas só na *Demanda Portuguesa* se enfatiza que foi esse golpe o responsável pela morte de Gauvain. Se observarmos estas duas versões, constatamos que na *Mort Artu* parece haver uma desresponsabilização da acção de Lancelot, pois Gauvain morre, não por causa de Lancelot, mas devido a uma ferida que os romanos lhe tinham feito e que piorara<sup>62</sup>. À hora da morte, Gauvain diz explicitamente que não fora Lancelot o seu assassino: “Comment, biaux niés, estes vos dont venus a mort par Lancelot? Sire, oil, par la plaie qu’il me fist el chief, **et si en fusse ge touz gueriz, mes li Romains la me renouvelerent en la bataille.**”<sup>63</sup>

Algo completamente diferente se passa na *Demanda do Santo Graal*: “E sabede que, em aquela batalha [combate entre Galvão e Lançarote] prés Galvam ùñ tal colpe de que pois nom pode guarir ante o chagou aquela chaga a morte”<sup>64</sup>. Lancelot demonstra mesmo vontade de matar o sobrinho de Artur: “Entom se forom firir ambolos cavaleiros e durou a batalha mui gram peça. Mas aa cima foi Galvam tam mal firido que nom pôde mais fazer; e matara-o entam Lançalot se nom fosse por amor del-rei e todos ricos homens do reino de Logres”<sup>65</sup>. Pelo contrário, Na *Mort Artu*, Lancelot chega a querer abandonar o combate.

No *Lançarote* e na *Queste* do Pseudo-Boron é com a sua espada que morrerá Gauvain, pois Lancelot estava predestinado a matá-lo. Não só pelo amor que mantivera com Genevra, mas também porque no final do romance castelhano aporta numa ilha

---

<sup>60</sup> Isabel Correia, *Do Lancelot ao Lançarote de Lago*, pp. 455-470.

<sup>61</sup> Usamos a edição de Jean Frappier, *La Mort le Roi Artu, Roman du XIII<sup>ème</sup> siècle*, Genève/Paris, Droz, 1964. Utilizamos a sigla MA para designar esta obra.

<sup>62</sup> “ (...) li Romain assailent monseignor Gauvain de toutes pars; si le fierent des espees et des glaives en tous sens et li font el cors granz plais et merveilleuses; mes nule riens ne li faisoit tant de mal com ce qu’il le feroient sus le helme, **car par ce li fu la plaie del chief renovelee, dont il le covint a morir.**” (MA, p. 208, sublinhado nosso).

<sup>63</sup> MA, §172, p. 221, sublinhado nosso.

<sup>64</sup> *A Demanda do Santo Graal*, ed. Irene Freire Nunes, Lisboa, Imprensa Nacional Casa da Moeda, 1995, § 665, p. 482. Usamos a sigla DP para nos referirmos a esta obra.

<sup>65</sup> DP, § 665, p. 481. A mesma leitura encontra-se na versão castelhana da *Demanda*, cap. 420, p. 324. Para mais detalhes veja-se Isabel Correia, “Em torno da Circulação Peninsular da Matéria Arturiana”.

onde se encontra o túmulo de Pelinor, que o Galvão do Pseudo-Boron matara à traição. Na *Demanda Portuguesa*, o cavaleiro afirma que já havia visto o túmulo de Pelinor. Quando ele e Perceval chegam à ermida da Oliveira Vermelha, vêem no cimo de um monte um rico trono onde estava sentado um homem morto que tinha uma carta na mão. O cadáver estava armado com espada e escudo, mas não possuía coroa. Intrigados com tão estranha figura, os cavaleiros interrogam-se sobre a sua identidade. Lançarote diz então a Perceval:

Amigo, bem assi está rei Pelinor vosso padre em ùa insua onde eu foi ùa vez, já gram tempo há. E se este houvesse coroa como vosso padre, eu cuidaria ca este era e que mudaram de cá pera aqui. E estonce lhe contou em que guisa o vira e disse: “Já mais se nom mudará de como está até que seja Galvam morto. “E que há i de haver Galvam?””, disse Persival. E Lançalot se calou entom<sup>66</sup>.

Esta passagem é fundamental pois comprova, a nosso ver, as estreitas relações entre a cena final do *Lançarote* e o último ramo do ciclo do Pseudo-Boron. O cavaleiro já tinha estado, “tempo há”, junto ao túmulo de Pelinor e, a julgar pelas suas palavras, sabia que Gauvain o tinha matado. A evocação desta passagem na *Demanda* indicaria que os fólios finais do *Lançarote* seriam, com toda a probabilidade, um lugar de confluência de várias narrativas, nomeadamente, a *Suite*, a *Demanda* e o *Tristan*, ou seja, os ramos do Pseudo-Boron a que se procurou juntar o *Lancelot*, introduzindo-lhe algumas interpolações que remetiam para o *Tristan e o Merlin* ou que anunciavam a *Queste*.

Fanni Bogdanow, no final do seu magistral estudo sobre o ciclo da Post-Vulgata, que, na sua opinião, não inclui o *Lancelot*, afirma: “The name by which the whole romance is often referred to in the *Suite du Merlin*, *L’Estoire dou Saint Graal* or *La Haute Escriiture del Saint Graal*, is perhaps the best yet found to describe our author’s intentions.”<sup>67</sup> Seguindo o raciocínio de Bogdanow, aquelas designações remetem para o “Roman du Graal”, ou seja, para o ciclo, que segundo esta autora inclui apenas a *Estoire del Saint Graal*, o *Merlin* com as suas continuações e a versão da *Queste* atribuída ao Pseudo-Boron. Porém, na mesma *Suite* encontramos uma outra referência que contraria esta dedução. Quando Artur confessa ao mago que deseja desposar Guenièvre, Merlin dispõe-se a ajudar o monarca nos seus intentos, mas profere umas enigmáticas palavras que sugerem que aquele enlace lhe valerá a vitória numa contenda:

Et non porquant un jour será encore que sa biautés vous aidera tant que vous en recheverés terre a tel point que vous la cuiderés del tout avoir perdue. Et che dist il por Gaalehot, qui devint ses hom liges et li

<sup>66</sup> DP, § 211, p. 169.

<sup>67</sup> F. Bogdanow, *The Romance of the Grail*, p. 221.

rendi sa terre la ou il l'avoit toute gaaignie et tout che fist il pour amour de Lanscelot. Li rois n'entendi pas cele parole que Merlins li dist adont, car trop estoit obscure, si avint elle puis tout ensi que Merlins li devisa, **si comme l'ystoire le conte qui de l'estore dou Saint Graal en parole et est devisee**<sup>68</sup>.

Merlin, como aliás o redactor do texto já esclarece, anuncia o conflito entre Galeholt e Artur, de que este sai vencedor graças a Lancelot, cavaleiro da rainha. Esta remissão poderá também referir-se à entrega de Guenievre a Artur, depois do episódio da Falsa Genevra, que o senhor de Sorelois só concretiza por vontade de Lancelot. Todavia, o que importa destacar é que o redactor afirma que este acontecimento é narrado na “*Estoire dou Saint Graal*”, referindo-se ao *Lancelot*! Assim, de acordo com a argumentação de Bogdanow sobre as intenções que as remissões indiciam, ter-se-ia de considerar o *Lancelot* parte da *Estória do Graal*, logo, parte do ciclo.

Depois destas afirmações, poder-se-á postular que o nosso *Lançarote* testemunha o *Lancelot* que faria parte do universo do Pseudo-Boron? José Carlos Miranda, ainda que apenas conhecesse a alusão ao Cavaleiro das Duas Espadas e a matéria dos fólhos finais, defende essa possibilidade<sup>69</sup>, sustentando que as alusões que aí se encontram ao *Tristan en Prose* e à *Suite*, intimamente relacionadas com o ciclo que circulou em Portugal, são demasiado consistentes para que se considerem mera contaminação de matéria tristaniana, mas devem ser entendidas como testemunho do “ramo Lancelot” do Pseudo-Boron.

Poder-se-ia pensar que estas modificações teriam sido feitas em território ibérico, onde circularam outros romances do ciclo. Todavia, supomos que o facto de se conservar no fragmento de Imola, a que já aludimos em nota, um texto muito próximo daquele conservado nos fólhos finais do *Lançarote de Lago*, escrito em francês, abona a favor da tese que defendemos, ou seja, que pouco do que se encontra na versão preservada no ms. 9611BNE será de origem ibérica, remontando, pelo contrário, à versão francesa que foi traduzida.

Assim, ainda que o manuscrito quinhentista que sobreviveu até aos nossos dias esteja incompleto, não se tendo preservado nem o que seria o “*Primero Libro*” nem tão pouco a continuação das aventuras de Lançarote, dispomos de elementos suficientes para subscrevermos a hipótese de José Carlos Ribeiro Miranda. Todas as referências, alusões e remissões que aqui observámos não parecem resultar de um aproveitamento

---

<sup>68</sup> SM, §244, p. 198, sublinhado nosso.

<sup>69</sup> José Carlos Miranda, “A edição castelhana de 1535 da *Demanda del Sancto Grial*: o retorno de Excalibur às águas”, *Península. Revista de Estudos Ibéricos*, 1, Porto, 2004, pp. 53-63.

de tipo compilatório de vários textos, enxertados em pontos díspares do romance, mas sim de um processo continuado de reescrita. Esta laboriosa *conjointure* terá sido efectuada em terras francesas com o objectivo de aproximar o *Lancelot en prose* de um universo romanesco em constituição, o ciclo do Pseudo-Boron. O *Lançarote de Lago*, com as suas referências consistentes e conscientes a este ciclo de romances, é prova disso.

### **A matéria tristaniana do ciclo do Pseudo-Boron, da *Suite du Merlin* à *Demanda do Santo Graal***

(Ana Sofia Laranjinha)

A *Demanda do Santo Graal* pertence já a uma fase relativamente tardia da construção cíclica — o já referido ciclo do Pseudo-Robert de Boron, que amplia e reescreve em parte o ciclo do Lancelot-Graal —, retomando, com poucas alterações, a intriga de uma *Queste* primitiva e adicionando-lhe abundante matéria narrativa, proveniente ora da *Suite du Merlin*, ora do *Tristan en Prose*. Convivem assim, no seio deste romance, pelo menos dois níveis ou fases de redacção cuja harmonização nem sempre é total. Em alguns pontos do texto podemos observar a sutura das duas fases, que o redactor do segundo nível nem sempre logrou ou, melhor dizendo, nem sempre quis disfarçar. Como mostrou José Carlos Miranda<sup>70</sup>, a coexistência das duas fases de redacção revela-se particularmente difícil nas cenas em que intervém a personagem de Galvão, o sobrinho do rei Artur. Na primeira fase, Galvão é um cavaleiro perseguido pela má sorte, que mata involuntariamente, em consequência da violência inerente à vida cavaleiresca, vários companheiros da Távola Redonda. Não está entre os cavaleiros escolhidos da *Demanda*, mas a sua insensibilidade ao mistério do Graal e a sua recusa da confissão e da penitência são a regra entre os cavaleiros de Artur, de quem ele é o legítimo representante. Na segunda fase, Galvão é um traidor sem escrúpulos, sedento de vingança. O que o move já não é a fidelidade a Artur nem o respeito pelo combate leal, mas o desejo de vingar o pai, o rei Lot, morto às mãos do rei Pelinor, eliminando toda a descendência deste. Quando peleja, a sua única preocupação é poupar os irmãos e

---

<sup>70</sup> Cf. J. C. Miranda, *Galaaz e a Ideologia da Linhagem*, pp. 135ss.

os membros da sua linhagem: qualquer adversário que não pertença à sua parentela é potencialmente um inimigo a abater, mesmo que se trate de um companheiro da Távola Redonda<sup>71</sup>.

Fanni Bogdanow, na reconstituição do ciclo ao qual pertencia o romance de que nos ocupamos e que, como vimos, designava *Post-Vulgata* ou *Romance do Graal*, relacionara já esta transformação de Galvão com o tema fundamental do ódio entre as linhagens de Lot e Pelinor, que segundo a erudita de Manchester teria tido origem naquela que era em geral considerada a primeira redacção do *Tristan en Prose*, a versão curta, e que teria sido depois desenvolvido na *Suite du Merlin*, um romance redigido mais tarde, para colmatar a lacuna temporal entre o *Roman de Merlin*, que relatava a concepção de Artur e a sua subida ao trono, e os textos cuja acção já se desenvolvia em plena maturidade do rei de Logres. Assim, segundo Bogdanow, as elípticas referências da versão curta do *Tristan* ao homicídio de Pelinor por Galvão e ao ódio deste e de alguns dos seus irmãos pela linhagem do rei de Gales teriam inspirado um desenvolvimento retrospectivo que teria vindo esclarecer as motivações para este ódio extremo e fornecer os seus antecedentes<sup>72</sup>.

Ora, se observarmos os textos sem a ideia pré-concebida de que a versão breve do *Tristan en Prose* foi redigida antes da *Suite du Merlin*, facilmente compreenderemos que, embora não seja uma impossibilidade teórica, a tese de Bogdanow é logicamente difícil de aceitar: por que razão teriam meia dúzia de referências pouco claras sido semeadas num longo romance que nunca chegava a explicar cabalmente a origem do ódio entre Galvão e um dos vassallos de seu tio<sup>73</sup>? Pelo contrário, a *Suite* apresenta de forma natural um encadeamento de acções que levam, primeiro, o rei Lot a revoltar-se contra Artur e em seguida o novo e poderoso aliado do rei de Logres, Pelinor, a auxiliá-lo na guerra e a matar Lot numa batalha decisiva. Depois, numa atitude pouco surpreendente no quadro da mentalidade da aristocracia do séc. XIII, o jovem Galvão promete vingar a morte do pai.

Assim, no longuíssimo *Tristan en Prose*, o tema do ódio entre linhagens assume um papel muito secundário, enquanto na *Suite* e na *Demanda* está sem dúvida em primeiro plano, relacionando-se estreitamente com o motivo da *mescheance* ou má

---

<sup>71</sup> Cf. A. S. Laranjinha, *op. cit.*, pp. 381-403.

<sup>72</sup> Cf. “The character of Gauvain in the thirteenth-century prose romances”, *Medium Aevum*, XXVII, 1958, p. 158.

<sup>73</sup> Foi este um dos argumentos apresentados por Emmanuèle Baumgartner para contestar as ideias de Bogdanow sobre a origem deste importante tema do ciclo (Cf. *Le “Tristan en Prose...”*, pp. 42-43).

andança, muito glosado pelo Pseudo-Boron. O estudo do tema do ódio entre linhagens, contribuição fundamental do Pseudo-Boron na sua reformulação do ciclo arturiano em prosa, levou-me, deste modo, a propor uma reorganização das peças que compõem este conjunto textual no que ao seu processo de escrita diz respeito, mostrando que a *Suite* antecede o *Tristan*, pelo menos no que diz respeito às versões francesas deste romance que chegaram até nós<sup>74</sup>.

Também a personagem central deste fio narrativo, Galvão, vai evoluindo sob os nossos olhos. Ainda que a sua acção tenha por vezes consequências nefastas, como aliás já acontecia na primeira fase do ciclo arturiano em prosa, é evidente que o Galvão da *Suite* está muito longe do Galvão *felon* que encontramos na *Demanda* e em algumas interpolações do *Tristan en Prose*. Na *Suite*, Galvão nunca é culpado de actos cruéis ou vis e demonstra em geral respeito pelas regras da cavalaria. Promove a reconciliação de dois irmãos que combatem<sup>75</sup>, adopta pela primeira vez o costume de descer do cavalo para lutar contra o adversário derrubado<sup>76</sup>, mostra a sua generosidade quando decide acompanhar Ivain, injustamente expulso da corte por Artur devido aos actos de Morgana<sup>77</sup>. Poder-se-ia afirmar que aqui Galvão ainda é jovem e que terá tempo de se transformar, de abandonar os seus princípios por influência do ódio que o vai dominando cada vez mais<sup>78</sup>. Mas essa hipótese é infirmada por alguns comentários do narrador, que provam que o autor da *Suite* desconhecia o negro futuro de Galvão.

Na *Suite*, o sobrinho de Artur deixa-se dominar pelo ódio uma única vez, num duelo contra um cavaleiro descortês: furioso ao vê-lo matar os seus galgos, ignora o pedido de clemência do adversário e prepara-se para desferir o golpe fatal quando uma donzela se interpõe entre ele e o cavaleiro vencido, acabando Galvão por cortar, involuntariamente, a cabeça à donzela<sup>79</sup>. Eis, com efeito, um momento de fraqueza do sobrinho de Artur, que atrai sobre ele a *mescheance*. No entanto, esta falta de Galvão não é mais do que um erro de juventude e marca mesmo uma inflexão positiva na sua carreira. Forçado a levar a cabeça da sua vítima à corte de Artur e a confessar o seu crime, Galvão promete que nunca recusará o auxílio a nenhuma donzela. O narrador anuncia que esta sua devoção lhe valerá o epíteto *Chevaliers as Damoiseles* e comenta:

---

<sup>74</sup> Para uma apresentação mais completa dos argumentos que me levaram a defender esta posição, veja-se A. S. Laranjinha, *Artur, Tristão e o Graal*, pp. 305-374.

<sup>75</sup> Cf. *La Suite du Roman de Merlin*, § 265, p. 220.

<sup>76</sup> Cf. *Idem*, § 266, p. 222.

<sup>77</sup> Cf. *Idem*, § 420, p. 368.

<sup>78</sup> É o que defende Bogdanow (cf. “The character of Gauvain...”, pp. 158-159).

<sup>79</sup> Cf. *La Suite du Roman de Merlin*, § 271, p. 228.

“Si le tient bien tout son vivant, car onques puis damoisele ne le requisit a cui il fausist d’aisdier, si estraigne ne fu ne de si lointaigne terre. Et pour chou qu’il aida puis tout dis si volentiers et de si boin cuer as damoiseles fu il apielés par tout en la court et aillours li Chevaliers as Damoiseles, ne chil nons ne li chaï tant coume il pot armes porter.”<sup>80</sup> É claro que este comentário não teria lugar se o autor da *Suite* conhecesse a evolução da personagem nos restantes textos do ciclo do Pseudo-Boron e quisesse prepará-la. Mesmo admitindo que o redactor da *Suite* tivesse querido apresentar um jovem Galvão virtuoso apesar dos erros futuros, é evidente que, mesmo assim, a previsão de que ele honraria sempre o seu epíteto estaria objectivamente errada.

Todavia, os defensores do carácter tardio da *Suite du Merlin* encontram numa passagem deste romance um argumento de peso. Trata-se do anúncio da morte de Lamorat, Drian e Agloval, os filhos de Pelinor, às mãos de Galvão:

Et il furent desconfi et li rois Pellinor ochist le roi Loth d'Orkanie. Et tout si fil, quant il vinrent a chevalerie haute, vaurent vengier la honte de lour père et de tout lour parenté, dont Gavains, li aiséfis, ochist puis Pellinor et Lamorat et Driant. Et Agloval ochist il en la queste del Saint Graal, si comme messires Robiers de Borron le devisera apertement en son livre<sup>81</sup>.

À primeira vista, esta passagem é uma prova de que o autor da *Suite* já conhece os restantes textos do ciclo do Pseudo-Boron, que relatam os homicídios perpetrados por um Galvão vil e sanguinário, ou pelo menos que esse homicídios haviam sido por ele previstos, sendo depois desenvolvidos pelo *Tristan en Prose*. Porém, algumas incongruências indiciam que esta passagem integra uma interpolação acrescentada por um copista que pretendia estreitar as relações entre a *Suite* e os outros textos do mesmo ciclo. Na verdade, a passagem que transcrevemos divide-se em duas partes contraditórias: na primeira (até «parenté»), o narrador anuncia que **todos** os filhos de Lot quererão vingá-lo. Trata-se de uma afirmação geral, vaga, que une toda a prole do rei de Orcanie num propósito comum. Na segunda parte, sem que qualquer explicação seja fornecida para a mudança de perspectiva, anuncia-se a morte não apenas de Pelinor, mas também de três dos seus filhos às mãos de um único filho de Pelinor – Galvão. Sabem os leitores que conhecem a *Demanda* e o *Tristan en Prose* que esta prolepse corresponde efectivamente ao que virá a acontecer nestes textos, mas provavelmente não era isso o que previa o autor da *Suite*. A multiplicação dos homicídios perpetrados por Galvão são uma consequência da profunda negativização da personagem, processo

---

<sup>80</sup> *Idem*, § 280, pp. 236-237.

<sup>81</sup> *Idem*, § 150, p. 115.

que não chega sequer a iniciar-se neste romance. A segunda parte da passagem transcrita é portanto, certamente, um acrescento, já que entra em contradição, não apenas com a afirmação que a antecede, mas também, o que é muito mais importante, com o romance em que se integra.

Apresentados alguns dados fundamentais que mostram, a meu ver, que o tema do ódio entre linhagens remonta à *Suite*, enquanto a transformação de Galvão têm início num momento posterior da construção do ciclo, de que encontramos marcas no *Tristan en Prose* e na *Demanda*, é tempo de notar que o Pseudo-Boron corresponderá, certamente, a vários redactores com as suas idiossincrasias, com estilos e estratégias variadas, embora colaborando num projecto comum. Entre a *Demanda* e a *Suite*, as diferenças são muitas e o projecto vai-se ajustando, mas isso não nos impede de reconhecer fortes afinidades entre os dois textos, não apenas no que diz respeito ao tema referido, que funciona como um fio que liga os dois romances, mas também, por exemplo, no tratamento da figura do rei Artur, cujas falhas se acentuam em ambos<sup>82</sup>.

Já no *Tristan en Prose*, as variações estilísticas e ideológicas que se podem detectar internamente são por vezes muito profundas e revelam, como na *Demanda*, uma escrita faseada. No que diz respeito a Galvão, encontramos novamente a mesma alternância entre episódios onde o sobrinho de Artur respeita as normas da conduta cavaleiresca e outros onde ele manifesta a sua *felonie*. É mesmo possível, também aqui, identificar cenas refundidas em que um Galvão virtuoso foi substituído por um Galvão traidor. Vejamos um exemplo.

Tristão, tendo vencido Brehus sans Pitié, ordena-lhe que vá entregar-se a Galvão, o homem que mais o odeia:

Mes or vos dirai que vos feroiz. Vos vos en iroiz de ci, et tant cercheroiz monseignor Gauven, l'ome ou monde qui plus vos het, que vos le troverroiz; et neporquant, je sai bien que messire Gauvens est plains de felonie coverte. Il est auques cortois vers dames, et vos traïtes et felons vers totes dames. Or i parra coment felonie se mentendra encontre trahison, car por savoir la verité de ceste chose vos envoi ge a li. Or vos en alez, et vos metez en sa merci de par Tristan, le neveu le roi Marc de Cornoaille.<sup>83</sup>

Um observador atento notará uma incongruência no discurso do cavaleiro, que começa por dizer que Galvão é “plains de felonie coverte”, para logo afirmar que ele é cortês para com as donzelas, ao contrário de Brehus. Na verdade, se retirarmos as

---

<sup>82</sup> Cf. A. S. Laranjinha, *op. cit.*, pp. 240-253.

<sup>83</sup> *Le roman de Tristan en prose*, (édition critique du début du *Tristan en prose* d'après le manuscrit Carpentras 404), ed. Renée L. Curtis Munich, Max Hueber, 1963 (T.1), § 417, p. 207; sublinhados meus.

passagens sublinhadas do excerto acima reproduzido, o discurso de Tristão ganhará um sentido muito diferente: já no *Lancelot en Prose*, Galvão, o cavaleiro cortês particularmente devotado às donzelas, nutre uma inimizade especial pelo cavaleiro que se dedica a persegui-las<sup>84</sup>; é natural que Tristão estivesse interessado em ver “coment felonie se mentendra encontre cortoisie” (e não “trahison”), pois esta oposição entre um vício e uma virtude tem mais sentido do que o contraste entre dois vícios que encontramos no texto. Por outro lado, a primeira passagem sublinhada parece, tanto do ponto de vista sintático como do ponto de vista semântico, acrescentada: a pontuação da edição moderna tenta disfarçar, com pouco êxito, a rutura e a adversativa “neporquant” no início desta passagem, quando na verdade este segmento entra em consideração com a porção de texto que aparece depois, e não antes, revela a dificuldade do interpolador em harmonizar informações contraditórias. Tudo leva a crer, portanto, que um copista, conhecedor do Galvão do Pseudo-Boron, terá decidido modificar esta cena alterando a imagem do sobrinho de Artur, tendo a pequena alteração deixado marcas visíveis – as habituais incongruências que denunciam a refundição<sup>85</sup>.

No *Tristan en Prose*, o Galvão traidor comparece nas mesmas passagens em que se desenvolve o tema do ódio entre linhagens. Sabemos que o filho de Lot matou Pelinor, mas também que essa morte não aplacou a sua sede de vingança e que por isso continua a perseguir os filhos do rei de Gales. Ora, o Galvão infame não surge apenas na versão breve do *Tristan*, como sugeria Fanni Bogdanow. Na verdade, uma comparação cuidada das duas principais versões do *Tristan en Prose* identificadas por Emmanuèle Baumgartner e editadas por Renée Curtis e Philippe Ménard em quase 20 volumes<sup>86</sup>, revela que, entre elas, não há nenhuma diferença substancial para além da extensão. Como já afirmou Baumgartner, tanto a versão curta (V. 1) como a versão

---

<sup>84</sup> Cf. *Lancelot*, ed. A. Micha, t. VII, pp. 398-399 e pp. 407-410.

<sup>85</sup> O mesmo não se poderá dizer de uma outra cena que, numa fase mais adiantada da acção do *Tristan*, opõe um Galvão cortês a um vil Brehus. Essa passagem, que também remonta a uma fase de redação anterior às transformações operadas pelo Pseudo-Boron, mantém-se completamente inalterada. Cf. *Le Roman de Tristan en Prose*, dir. Philippe Ménard, Genève, Droz, T. II (1990), § 90, pp. 209-210.

<sup>86</sup> Para a edição da versão longa (*Le Roman de Tristan en Prose*, dir. Ph. Ménard, Genève, Droz, 1987-1997, 9 vols.) o códice escolhido foi o ms. 2542 da Biblioteca Nacional de Viena, um dos mais antigos manuscritos completos da obra. A equipa de Ménard retoma a parte final do texto editado por Curtis (*Le roman de Tristan en prose*, (édition critique du début du *Tristan en prose* d'après le ms. Carpentras 404), 3 T., Munich/Leiden/Cambridge, Max Hueber/Brill/D.S. Brewer, 1963/1976/1985) num ponto em que as divergências entre manuscritos começam a causar problemas. A versão curta, cujo melhor representante é o ms. 757 BNF, foi editada mais tarde: *Le Roman de Tristan en Prose* (version du ms. fr. 757 de la Bibliothèque Nationale de France), dir. Ph. Ménard, Paris, Champion, 1997-2007, 5 vols.

longa (V. 2 e as versões que dela dependem)<sup>87</sup> são redacções compósitas e tardias do romance<sup>88</sup>. Justifica-se assim, segundo creio, a metodologia que adoptei: reconstituir a génese do *Tristan* através de uma análise minuciosa da narrativa, observando as técnicas de escrita e prestando particular atenção às descontinuidades que podem denunciar a reescrita, sem ter em conta, nesta primeira fase da investigação, as especificidades dos manuscritos.

Como vimos, tal como na *Demanda do Santo Graal*, também no *Tristan en Prose* podemos detectar pelo menos duas fases de redacção, sendo uma delas da responsabilidade do Pseudo-Boron. No caso do *Tristan*, as intervenções do novo redactor são em geral breves e cirúrgicas, traduzindo-se apenas na introdução de cenas ou alterações necessárias para ir entretecendo na narrativa o tema do ódio entre linhagens. Ora, nos episódios do *Tristan* anteriores a esta fase, podemos já detectar algumas descontinuidades que revelam a reescrita. Dito de outro modo, o Pseudo-Boron é responsável pela terceira fase de redacção do *Tristan*; vejamos agora o que o antecedeu.

Renée Curtis, nos estudos suscitados pela sua edição do manuscrito de Carpentras, que continha a parte inicial do *Tristan*, fizera já uma análise comparativa dos prólogos e dos epílogos que constavam em alguns manuscritos, assim como de algumas referências redaccionais, e chegara à conclusão – confirmada, aliás, pela detecção de algumas incoerências da própria narrativa – de que este romance fora começado por um redactor que usava o pseudónimo Luce del Gaut, e continuado, provavelmente depois da morte do primeiro autor, por um segundo redactor, que dizia chamar-se Hélie de Boron<sup>89</sup>. Na sequência destas investigações, procedi a uma análise sistemática do romance com o objectivo de detectar incongruências e diferenças estilísticas e cheguei à surpreendente conclusão de que, ao contrário do que defendia Curtis, o *Tristan* não era simplesmente constituído pela justaposição de duas partes de

---

<sup>87</sup> Note-se que o que aqui designo “versão longa” e “versão curta” do *Tristan en Prose* correspondem, grosso modo, às versões V. I e V. II identificadas por Emmanuèle Baumgartner. Ainda que o ms. de Viena represente V. III, as diferenças relativamente a V. II são pouco significativas. Sobre a tradição manuscrita do *Tristan*, veja-se o estudo de Baumgartner já citado (*Le “Tristan en Prose”...*) e as introduções de todos os volumes das duas edições dirigidas por Ménard.

<sup>88</sup> Gilles Roussineau fez notar, aliás, que o tema do ódio entre linhagens está presente tanto em V. I como em V. II, ao contrário do que habitualmente se julgava. (“Remarques sur les relations entre la *Suite du Roman de Merlin* et sa continuation et le *Tristan en Prose*”, in *Miscellanea Medievalia : mélanges offerts à Philippe Ménard*, Paris, Champion, 1998, p. 1155).

<sup>89</sup> Cf. Renée Curtis, “The Problem of the authorship of the Prose *Tristan*”, *Romania*, LXXIX, 1958, pp. 314-338 e “Who wrote the *Prose Tristan*? A new look at an old problem”, *Neophilologus*, 67, 1983, pp. 35-41.

autores diferentes, com uma zona de contacto em que se notavam alguns ajustes – a já referida sutura que denunciava a reescrita – mas por diversas fases de redacção que alternavam ou se sucediam, com pesos e dimensões diferentes segundo o momento da diegese ou as versões em causa<sup>90</sup>.

Graças à comparação de dois esquemas narrativos tópicos associados a um cenário específico – a fonte – identifiquei duas fases de redacção com características bem distintas. A primeira fase, onde se inclui a história dos antepassados de Tristão (a chamada pré-história tristaniana) e grande parte das aventuras dos amantes que precedem a sua partida para o reino de Logres, aflora, em passagens cada vez mais raras<sup>91</sup>, ao longo de grande parte do romance. Caracteriza-a a concentração da intriga em torno dos antepassados de Tristão e Marc, primeiro, e do trio Tristão – Iseu – Marc, depois; uma rápida progressão da narrativa; uma concepção pessimista do amor como força irresistível e nefasta.

Na segunda fase de redacção, assistimos a uma certa banalização do mester cavaleiresco através da multiplicação de duelos e torneios, reduzindo-se os combates a uma sucessão de provas atléticas sem verdadeira justificação ética. O protagonista dilui-se no conjunto dos cavaleiros da Távola Redonda e o amor de Tristão e Iseu passa para segundo plano, os feitos cavaleirescos tornando-se a principal preocupação do herói. Outra marca desta fase de redacção é o fortíssimo abrandamento da acção, já que o espaço dedicado ao discurso das personagens (sejam monólogos ou diálogos) cresce desmesuradamente, dando lugar ao que Anne Berthelot designou «inflação retórica»<sup>92</sup>.

As características que habitualmente são atribuídas ao *Tristan en Prose* são as da segunda fase de redacção, que se estende por um grande número de fólhos, muitos mais do que as outras fases. Para quem tenta compreender a génese do ciclo do Pseudo-Boron, porém, esta é a fase menos importante, pois o segundo redactor não se esforça

---

<sup>90</sup> Cf. A. S. Laranjinha, “Métamorphoses de la fontaine dans le Tristan en prose : de Luce del Gaut à Hélie de Boron” in *22e Congrès de la Société Internationale Arthuriennne, Rennes, 2008*. URL: <http://www.sites.univ-rennes2.fr/celam/ias/actes/pdf/laranjinha.pdf>, citado em 20/12/2011 e *Artur, Tristão e o Graal, passim*.

<sup>91</sup> Embora a primeira fase de redacção aflore cada vez mais raramente à medida que vamos avançando na leitura do *Tristan*, é possível que essa fase cobrisse a totalidade da história de Tristão e Iseu, até à morte dos amantes. Cf. A. S. Laranjinha, “Le motif de la traversée maritime dans la tradition tristanienne: des poèmes à la première rédaction du *Tristan en Prose*” In *Actes du Colloque International “Lores te metras en la voie...” Mobilité et littérature au Moyen Âge. Formes, enjeux et signification*, ed. Carlos Carreto, Lisboa, Universidade Aberta, 2011, pp. 59-68.

<sup>92</sup> “La parole, le discours, le chant, la lettre remplacent la narration d’épisodes nouveaux qui auraient trait aux amours de Tristan.” (“L’inflation rhétorique dans le *Tristan en Prose*”, in *Tristan et Iseut, mythe européen et mondial: actes du Colloque des 10, 11 et 12 janvier 1986*, éd. D. Buschinger, Göppingen, Kümmerle Verlag, 1987, pp. 32-41). Apenas discordamos de Berthelot quando ela afirma que a inflação retórica caracteriza o *Tristan en Prose* em geral, com excepção da pré-história (cf. *idem*, p. 35).

por integrar o *Tristan* no ciclo, afastando-se também da visão trágica da vida que caracteriza em geral os textos do Pseudo-Boron.

É minha convicção que a iniciativa de proceder à reconfiguração da primeira fase do ciclo arturiano em prosa terá partido de dois redactores que, embora apresentando, cada um deles, características muito próprias, trabalharam em consonância, influenciando-se mutuamente: o autor da *Suite du Merlin* e o primeiro redactor do *Tristan en Prose*. Por um lado, o autor da *Suite*, tomando o pseudónimo de Robert de Boron, assumia-se como continuador do *Merlin* mas também da *Estoire del Saint Graal* (dois textos que já faziam parte da primeira fase do ciclo arturiano em prosa e eram atribuídos àquele autor). Por outro lado, o redactor tristaniano, (embora assumindo um pseudónimo diferente), ligava o seu romance à *Estoire* através de uma breve mas significativa referência às origens da linhagem de Tristão. No primeiro romance do ciclo, que narrava as origens do Graal e a cristianização da Grã-Bretanha, um dos filhos de Bron distinguira-se de todos os seus irmãos por querer manter-se casto para se dedicar ao serviço do Graal. O *Tristan en Prose*, em simétrica oposição, dá a Bron um outro filho rebelde, que desta vez decide escolher a própria noiva: trata-se de Sador, o antepassado de Tristão, cuja paixão por uma princesa pagã desencadeia um rosário de desventuras<sup>93</sup>. Globalmente, o objectivo dos autores da *Suite* e do *Tristan* era introduzir no ciclo inicial a semente má da paixão amorosa, de acordo com uma concepção pessimista da vida em geral e da cavalaria em particular: iniciando a sua narrativa com o incesto cometido por Artur, que daria origem a Mordret, o traidor, o Pseudo-Boron anunciava o Apocalipse arturiano; antecedendo a história dos amantes da Cornualha de uma pré-história que sublinhava o poder nefasto do amor, o redactor tristaniano remetia para o fim trágico do par adúltero.

Que o *Tristan en Prose* faz parte, desde a primeira fase de redacção, de um ciclo cujo elemento mais eminente é a história do Graal, confirma-o o Prólogo assinado por Luce del Gat:

---

<sup>93</sup> As relações entre a *Estoire* e o *Tristan* estão ainda muito pouco estudadas, mas revelar-se-ão certamente fulcrais para a compreensão da génese do ciclo do Pseudo-Boron. Ainda que, como vimos, a pré-história tristaniana (que remonta à primeira fase de redacção que identifiquei no *Tristan*) remeta para a *Estoire*, um episódio deste romance que pertence já, provavelmente, a uma fase relativamente tardia de redacção usa, por sua vez, o *Tristan*, como mostrei em “Le temps de l’écriture dans le cycle arthurien en prose: sur le rapport entre un épisode de l’*Estoire del Saint Graal* et la première phase de rédaction du *Tristan en Prose*», in *Temps et Mémoire dans la Littérature Arthurienne. Actes du Colloque International de la Branche Roumaine de la Société Internationale Arthurienne. Bucarest, 14-15 mai 2010*. Ed. Catalina Girbea, Andreea Popescu, Mihaela Voicu, Bucarest, Editura Universitatii din Bucuresti, 2011, pp. 309-318. Estas remissões cruzadas sugerem um processo de escrita complexo, em que vários textos vão sendo redigidos em várias fases.

Après ce que je ai leü et releü par maintes foiz le grant livre del latin, celui meïsmes qui devise apertement l'estoire del Saint Graal, mout me merveil que aucun preudome ne vient avant qui enpreigne a translater del latin en françois (...). (...) je, Luce, (...) enpreing a translater une partie de ceste hestoire (...) et ferai asavoir ce que li latins devise de l'estoire de Tristan (...).<sup>94</sup>

O primeiro redactor tristaniano apresenta o seu texto como uma parte da história do Santo Graal – a parte relativa à vida de Tristão, cujo carácter profano é sublinhado pela exibição da condição cavaleiresca de Luce, o seu tradutor. Para que não restem dúvidas sobre a sua estreita relação com os outros textos cíclicos, coloca Tristão no mesmo plano de excelência que Lancelot e Galaaz, os heróis do *Lancelot en Prose* e da *Queste*. Um pormenor objectivo que confirma a precoce integração deste romance no ciclo do Pseudo-Boron é a referência ao “grant livre del latin”, igualmente mencionado na *Demanda*.

Ao primeiro redactor tristaniano, segue-se portanto o segundo, que finge ignorar a dependência do *Tristan* relativamente aos textos do Graal e amplifica a matéria narrativa graças à multiplicação das aventuras e dos amantes infelizes de Iseu, perseguindo o objectivo fundamental de glorificar Tristão e Iseu. Finalmente, surge o terceiro redactor, que conhece muito bem a *Suite du Merlin* e está bastante próximo do primeiro redactor, pela sua concepção pessimista da cavalaria e a sua preocupação pela integração do *Tristan* no ciclo. Este redactor retoma assim um fio narrativo que remonta à *Suite*, mas impõe-lhe a sua marca – a culpabilização do sobrinho mais velho de Artur, que a reabilitação da linhagem de Pelinor vem ainda sublinhar.

Creemos ter demonstrado — partindo, aliás, da tese que José Carlos Miranda retomara de críticos anteriores —, que o ciclo do Pseudo-Boron não é uma redução, é antes uma amplificação da primeira fase do ciclo arturiano em prosa, incluindo não apenas os textos referidos por Bogdanow, mas ainda o *Lancelot* (como mostrou Isabel Correia) e o *Tristan en Prose*. Ao que tudo indica, este ciclo penetrou em terras ibéricas por volta de meados do séc. XIII, com o regresso de Afonso III a Portugal<sup>95</sup>. Paradoxalmente, o carácter periférico dos meios portugueses poderá ter favorecido a cristalização do ciclo, evitando a dispersão e a desagregação que, nos meios mais dinâmicos da França de *oïl*, vitimou este complexo edifício.

---

<sup>94</sup> R. Curtis, “Prologue” in *Le roman de Tristan en prose*, T. I, p. 39.

<sup>95</sup> Cf. José Carlos Miranda, “Como o rei Artur e os cavaleiros da sua corte demandaram o reino de Portugal”, *Colóquio-Letras*, 142, Out. Dez. 1996, pp. 83-102.